

A PACOTILHA

SUI CUIDUE' TRIBUERE.



CORTE.

Um anno	148000
Seis meses	78000
Tres meses	38500

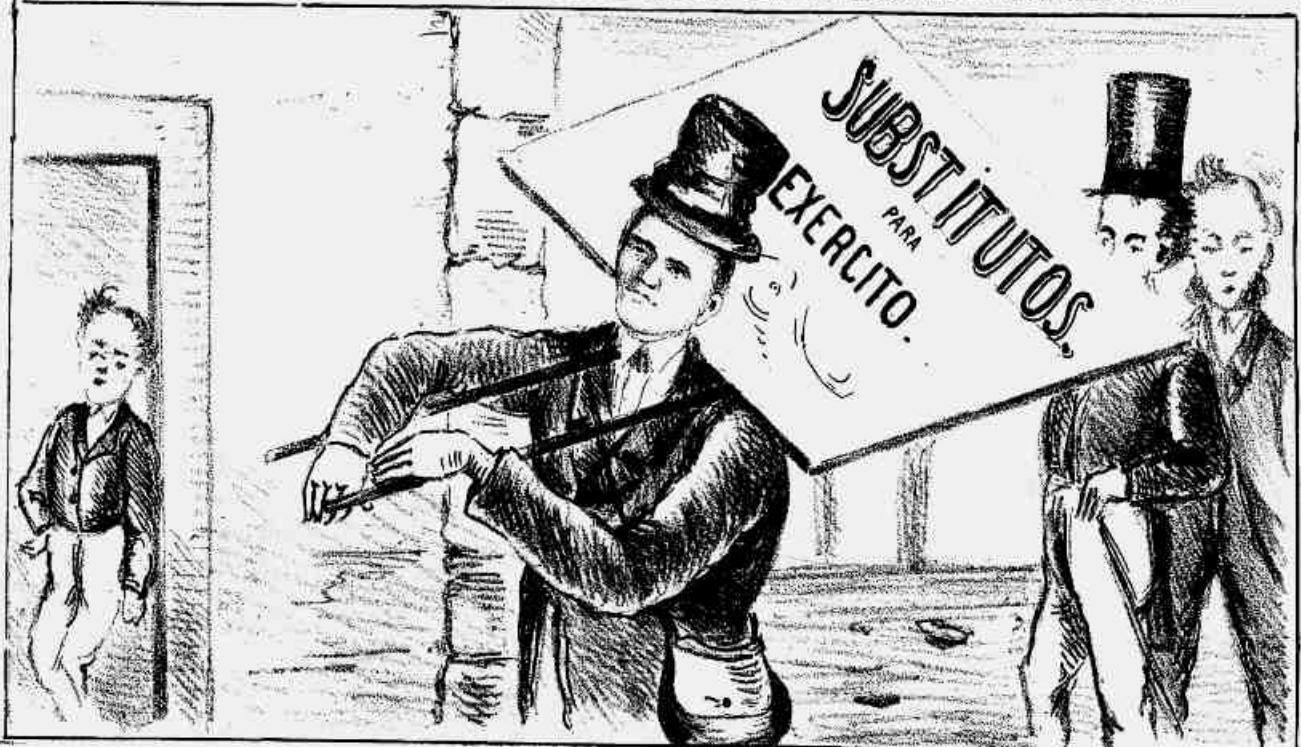
N. 26.

ANNO I.

PROVINCIAS.

Um anno	148000
Seis meses	78000
Avulso	300 rs.

PUBLICA-SE AOS SABBADOS.—ASSIGNA-SE Á RUA DO ROSARIO N. 116. SOBRADO



Agencia patriótica.

Em nome do interesse engaja-se substitutos para o exercito

A RACOTECHA

NOVIDADES DA SEMANA.

Rio, 6 de Outubro de 1866.

Voemos por esta nossa cidade, voemos e de azas bem abertas. Bico ao ar, olhos a todos e ao espaço, ao espaço !

A nossa cidade é uma maravilha. Pela lua que sim !

O Matadouro é a menina do peito de muita gente boa. Ali se discute fervidamente, e são matérias de querella, cascões e pontas. Allegão uns e outros que os cascões dão colla, dizem estes e aquelles que as pontas são de uma utilidade inconcebível, pasmosa, ingente, prodigiosa !

O lixo que amontoa-se nas praças, aliás cheias de cães mortos à guarda fiscal, as águas verdes e estagnadas, a limpeza enfim que vai por ahí, concorrem brilhantemente para que mui cedo sejamos visitados pelo senhor cholera-morbus, fidalgo inglez e millionário de mão segura.

As visitas feitas aos bolsos e algibeiras dos transeuntes continuam pasmosamente. E a polícia dorme a bom dormir! E enquanto ella dorme, os ratoneiros, os capoeiras, os desordeiros pulão, dansão, divertem-se, e o devem fazer enquanto o Braz é thesoureiro.

Todos os dias o tal regulamento de verificação de óbitos é sacco velho de costura. Não ha dedal, novello de linha, agulha sem buraco, alfinete sem ponta, que ahí não tenha cahido!

Os medicos, e os medicos verificadores encontrão-se, estes com bonet à polícia, aquelles com o bonet phrygio, de *sans-culotte*. Os primeiros representão a força, os segundos a liberdade; atirão-se uns sobre os outros: são bons monitores que arrepellão-se e contusão-se.

No fim do combate sahe vencedor o povo, porque riu-se de uns e outros, destes e daquelles, dos alhos e dos bu-galhos.

Brochura é um folheto, o *Jornal das Famílias* não é um folheto.

Brochura é um folheto que só trata de um assunto e perfunctoriamente. O *Jornal das Famílias* trata de mais de um assunto, logo, grita o ministro das obras públicas, logo não é brochura.

Qua tal a logica? Os sapateiros que respondão.

O ministerio da marinha chama a serviço 1,600 individuos empregados na vida do mar, e reparte-os de uma maneira que honra os conhecimentos estatísticos do nobre ministro.

O municipio neutro e o Rio de Janeiro devem fornecer 350 infelizes destinados a morrer esmolando, porque o governo dá lhes 200\$ de gratificação e promete um asylo para os que receberem lesões, ferimentos, etc. Ora o municipio neutro e o Rio de Janeiro já derão numerosos contingentes para o exercito e armada, e a tal gratificação e o tal asylo são de uma qualidade irrealisável, espuma férvida e bolha de sabão.

O que honra sobremaneira à sciencia do Sr. ministro da marinha, é que a província de Santa Catharina deve dar 60 marinheiros, quando pelas estatísticas reconhece-se que as províncias do Rio Grande do Norte e Espírito Santo possuem maior numero de individuos matriculados em as capitaniias, e no entretanto dão menor contingente.

Mais estudo, Sr. ministro, e mais cuidado em prometter.

O governo promette sempre e poucas vezes cumpre. Que o digão os voluntarios da patria, que recebendo 400 rs. por dia, esmolão da caridade publica um obulo para seu sustento, e muitas vezes para a volta ás suas províncias.

Na terça-feira embarcou para o Sul novo contingente de voluntarios.

Soldados bahianos, acudindo aos clamores, placido porvir á elles !

Rebentões floridos de seiva pomposa, oxalá esforem elles galhos viridentes e louçãos.

Voemos para os theatros.

A epocha é de phantasmas, dramas allegoricos, apparatusos enredos, e no fim resalta nada, nada e nada !

Annuncia-se *Demonio da Meia-Noite*, *Filha do ar*, *Milagres de Santo Antonio*, etc., etc.

Pobre do theatro! Onde e quando chegará a sua redempção? Talvez tarde ou nunca!

A epocha é de *posticos*. Os theatros entendem que é dos dramas phantasmagoricos que ha de brotar, esgalhar, surgir a regeneração da arte, e esta ha de ser anunciada em grandes cartões, annuncios e mil outras cornetas da fama, da gloria da popularidade.

Melhores tempos venham para o theatro com o *Amor da arte*.

O paleo está morto. Por os manes de Shakespeare que sim ! Esperemos pelo drama do Sr. Furtado Coelho.

**

Chegou ultimamente da Bahia um lindo livro de versos: intitula-se elle *Flores d'alma*, e é seu autor a Sra. D. Amelia Adelaide Santos.

Um livro de versos, escripto por uma menina de dezoito annos ; um livro ungido da lhaneza das almas castas, pleno ainda dos harpejos suaves que nascem dos entieios do espirito, é objecto para séria attenção e serio estudo. A nossa época é tão material que vale bem a admiração de toda uma sociedade, o esforço, a portia de uma menina, que no remanso de seu lar volve-se toda á poesia, á essa musica da idéa, colorido poderoso do som, harmonia angelica da palavra.

E *Flores d'alma* são um livro mimoso. Sentimos deveras não ter nem tempo, nem espaço para longa peregrinação, mas os versos que transladamos podem por certo protestar pela magia e encanto de todos os seus compaheiros ; e oxalá sirvão elles, aos leitores da *Paeotilha*, de amostra do que é bom gosto.

O SORRISO.

Olhei-a, e sorriu-se... com um riso tão bello,
Que amei o sorriso, que d'ella baixou.....
Olhei-a de novo, de novo sorriu-se
Com um riso tão bello que n'alma ficou.

E pedi-lhe inda um sorriso
P'ra completar meu prazer!
E deu-me ontra vez um riso
De fazer enlouquecer,
Um sorrir, que junto à morte
Fazia a vida deter!

E sorriu-se tão faceira
Que nem a posso pintar !
Era a deosa dos amores
Amores a despertar :
Era um anjo, um mago sonho,
Um céo na terra a mostrar.

E guardei esse sorriso
No fundo do coração,
Como guarda o triste nauta
Esp'rança de salvação,
Como guarda casta virgem
A sua muda paixão.

Guardei-o como um thesoiro,
Rico thesoiro—sem par—
Que um sorriso como aquelle
Oh ! quanto é raro alcançar !
Foi um sorriso encantado
Que—Amor—queria expressar.

Olhei-a... e sorriu-se... com um riso tão bello,
Que amei o sorriso, que d'ella baixou :
E o estro já frio—por elle inflammando
Tomando ousadia—um canto soltou.

Carta I.

Meu Redactor.

Se as letras, lançadas ao correr da penna, exprimindo o nosso pensamento, attrahirem a vossa attenção e forem as considerações, que fazemos, dignas de vossa illustrada folha, dai-as á ler a vossos assignantes, e tambem áquelles descuidados do estudo da lingua patria.

Lendo constantemente os escriptos, quer dos prosadores, quer dos jovens poetas, encontramos proposições, construções grammaticaes, versos, palavras antiquarias e em desuso, que admiramos. Julgão estes que o bello e o sublime estão no emprego de um termo antigo, já em desuso, ou composto, havendo na lingua outros equivalentes, exprimindo a mesma idéa.

O que escreve ou falla numa lingua deve saber-a, e para isso os mestres, ou aquelles que melhor a fallarão, estaurão regras ou preceitos. Porém a tanto tem chegado hoje o desprezo da lingua, que homens, verdadeiramente instruidos, commettem erros crassos de linguagem, exprimindo-se no patrio idioma.

Talvez julguem os vossos leitores serem as proposições expendidas pura declamação, visto como os que já algumas vezes advertimos de sens erros, dêm ao que escreve esta carta a mesma denominação com que certo bacharel appellidou o S. B. ; porém não disse o mesmo uma só palavra para nullificar a argumentação deste, mas só o fez na obscuridade.

Na *Semana Illustrada*, em o seu n. 302 de 23 de Setembro, lê-se o seguinte: « Ora, não poucos peccadores devem de cumprir esta sentença. »

Em que classico da lingua se apoia o autor desse artigo ? Isto é construção portugueza ? *Dever de cumprir* é construção francesa, pois o verbo *dever* pede complemento objectivo, e portanto errou o factor desse artigo.



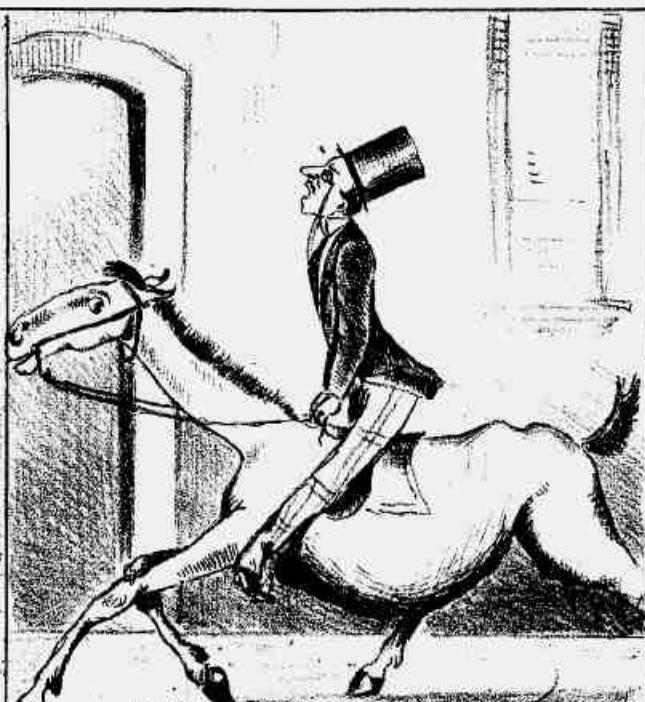
— Vão vestir a minha farda; prepara, meu amo, um quarto para quando eu voltar da guarda.

— Maldita guarda nacional! Se vás para o sul eu irei contigo.

— Não sabes que o commandante é nosso compadre, e só para lá vão os que não têm padrinho?

— Estais feito agora negociante de cerveja, doutor tendes nas mãos tantos *rotulos*?

— Deixa disso, não ves que são bilhetes do Banco do Brasil!



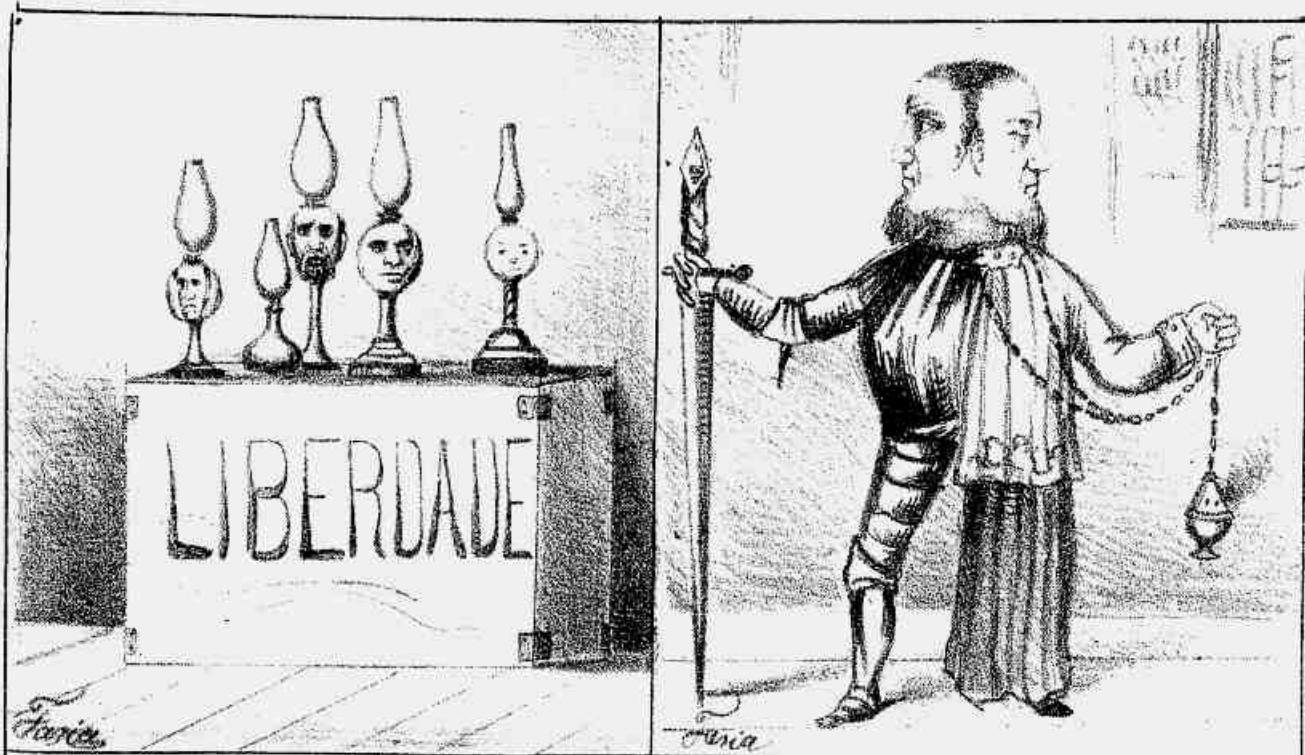
— Credo, meu senhor! antes uma boa morte que um casamento com um litterato!

— Porque D. Rosa, porque diz isto?

— Porque um litterato quer mulher intelligentie e eu....

Quem doce o dente vai a casa do barbeiro.

Onde morará o Jacome?



A liberdade no Brasil.

No Brasil a liberdade é uma palavra. Hontem o *Correio Mercantil* pagou uma multa imposta pelo senado, e hontem um senador ergueu um viva à liberdade! Mirem-se neste espelho os nossos politicos!

O Janus do seculo das luzes.

De um lado fero guerreiro ; o passado é de horrido Curio Dentato : a hombridade de caracter primeiro que tudo. Do outro lado, movel sachristão : incenso aos que estão em cima, porque é de cima que chovem graças.



A poesia e a grammatica em nossos dias.

Perseguidas e batidas pela mocidade, a poesia e a grammatica hodiernamente são tidas como alho e bugalho. Todos lhes torturao e lacerão. At delas, pobresinhas !

Tal é a febre de escrever errado, que adduzo entro exemplo do mesmo numero dessa folha ilustrada. Eis-o : « Houverão muitos pretendentes. »

Ora, o verbo *haver*, unipessoal, cuja significação é a mesma de *existir*, emprega-se ordinariamente com sujeito grammatical occulto—*classe, especie, porção, quantidade, numero, tempo, etc.*, e um complemento desse sujeito, precedido da preposição *de*, também oculta, e por tanto Camões disse : « Alguns traidores *houve* algumas vezes » e também : « Móres feitos *ha* cá não tão bem escriptos. »

O padre Vieira dá-nos também exemplos quando diz : « Porque, ainda que *ha* outras nações de melhor entendimento. » « *Haverá* quatorze meses. »

Frei Luiz de Souza, André de Rezende, Francisco de Moraes e todos os nossos classicos, empregaram o verbo no singular.

Em conclusão, afirmamos ser erro crasso escrever *houverão*, no sentido em o qual fallamos, em lugar de *houve*, pois que é uma das ellipses mais notaveis da lingua portugueza.

A mesma folha continua assim : « Como acontece, só um pôde alcançar o decreto; mas *houve muitos* que esperavão tê-lo e entre esses um que *começou por escrever* a seguinte carta ao ministro. »

Veja, meu redactor, emprega agora o mesmo escriptor o verbo *haver* conforme os preceitos grammaticaes, porém o *começou por escrever a carta* é fracez.

O Sr. G. M. do *Bazar Volante*, no mesmo domingo 23 de Setembro, diz : « Não se deve de proceder com leveza em assumpto litterario. »

Como se assassina a lingua portugueza ! Esta phrase é fraceza.

Não será o nenhum cuidado, agora empregado no estudo do patrio idioma, causa da barbarisação observada em nossos dias ?

Admire, meu redactor, a publicação seguinte do *Jornal do Commercio* em sua Gazetilha : « A commissão sanitaria do 2º distrito da freguezia de S. José, acompanhada pelo respectivo fiscal, visitáraõ hontem 34 casas de negocio, sendo multada uma por ter generos deteriorados, os quaes foram lançados ao mar, e oito corticos, sendo um multado por falta de asseio. »

Tal foi, meu redactor, o furor da commissão sanitaria, por encontrar generos deteriorados, que lançou-os ao mar e os oito corticos !

Tudo isto procede da má construcção por muitos hoje adoptada.

O Sr. Bacharel Limceiro deu-nos uns versos denominados—*Últimas palavras*.

Pretendemos fazer a analyse dessa poesia, pois S. S. conhece sufficientemente a nossa opinião respeito a tais producções, mas mostraremos já alguns versos monófonos, frroxos e cacophonicos.

Temos este monófono :

Se o que é viva dôr tu comprehendes. Este é alexandrino, Ah ! quando em vão te amei, quanto hei sofrido. e O coração que sobe só te amar, frroxo; e este outro é prosaico : No tumulo gosar quero o saeço ; e finalmente este notarei pela cacophonia :

Sob esta fria lage dorme o bardo.

Na continuação de nossas cartas examinaremos a linguagem empregada hoje, e adduziremos a nossa opinião, firmada em exemplos dos nossos classicos.

Longa vai esta carta, e por isso faço ponto.
Teu amigo

J. L. SOUZA BRAGA.

CHIMERAS.

A confusão do Rio de Janeiro.

Quem viu a nossa cidade
N'outro tempo, n'ontra idade,
Agora pasma se a ver;
Todos aqui se abrigão,
Todos fallão, todos brigão,
Todos querem se encher.

Hoje temos engraxatos,
Imensos envernizados,
E também pelotiqueiro;
Houve até um tira dente
Que à cavalo, de repente,
Comeu-nos muito dinheiro.

Temos musicos allemaes.
Ha imensos charlatães
Que aqui se fazem senhores,
Elles vêm p'ra curar,
Ou antes p'ra se arranjar.
Dizendo que são dentores...

Vem nos a dansarina,
A cantora *papa fina*,
Trazem-nos em uma fona;
Se lá cantava na praça,
Aqui se diz, por chalaca.
A senhora—*Prima dona*.

Temos modas á fraceza,
Piteirinhas á Theroza,
E mil outras trapalhadas;
Ha também novos toucados
Que trazem, p'ra seus peccados,
As moças acorrentadas.

E outros cintos ferrados,
Mil enfeites encrespados
Que parecem carrapichos ;
As moças fazem figuras,
Trazem couros, ferdaduras,
E até trazem rabichos.

Há ruas alcatifadas,
Porém outras mal calçadas ;
Temos praças com figuras,
Arvoredos e repuchos,
Há infames papeluchos,
Há vellhas com dentaduras.

OMEIRAS.
(Continua.)

Ao Dr. Chico Antonio.

CARTA I.

Collega de minh'alma, lá vai verso
Qu'eu em prosa ha muito não converso,
Nem escrevo tambem, fica entendido.
As tuas opiniões eu tenho lido,
E gostando de ti, mais da sciencia
Que sahe da tua *immensa sapiencia*,
Resvolvi escrever-te umas cartinhas
Em versos decantando as crenças minhas.

Serei breve.

E mudando de rima qual D. Jayme,
Digo o Thomaz Ribeiro,
Nesse grande poema que o Castilho
Disse matar Camões,
Heide escrever-te glosas e sonetos,
Quintilhas, quadras, decimas, tercetos,
E haver para fartura,
Até Alexandrinos ;
Farei uns que vão da côrte à Cascadura.

De versos pequeninos
Há de haver profusão ;
E mesmo do *Garcia e Capanema*
Dos Juvenis delirios
Autor mais que secundo
Buscarei imitar a entoação
Sans rime, miraison,
Como diz o Urbain no Pan démonio
Que chama Alcazar, meu Chico Antonio.

Portanto lá vai obra :
Como o Vasques direi, bem por costume,
Na scena do Gymnasio :
E' um pobre soneto no qual pinto

OS TRATAMENTOS.

Hoje o tu é partilha do pretinho
Qu'inda soffre os grilhões do captiveiro ;
O você, cabe em sorte o aguadeiro
Quando d'agua nos traz o barrilzinho.

Vosmencê, olé, dá-se ao meirinho
Que julga este tratar—baixo, grosseiro ;
E até quem diria ? O marinheiro
A tratamento tal torce o focinho.

Senhoria, diz ter qualquer jaqueta
Que do cobre preciso, na carencia,
Nem pôde ter casaca de baeta !

E d'ahi para cima, isto é demencia,
Qualquer bruxa, qualquer bicho caretta,
Na côrte do Brasil tem *Excellencia*.

—
Que tal, meu Chico Antonio !
Um soneto é consinha bem difícil,
E por isso há quem diga
Que Bocage o creou,
Depois delle ninguem o estudou
No velho Portugal !

Seja lá como fôr, hei de escrever
De quando em vez, e se fôr mão,
'Stou prompto apanhar, tomarei pão ;
Mas antes de partir

Da Costa à nobre Costa
Quero fazer pequena advertencia,
Receioso te digo
Da critica sciencia.

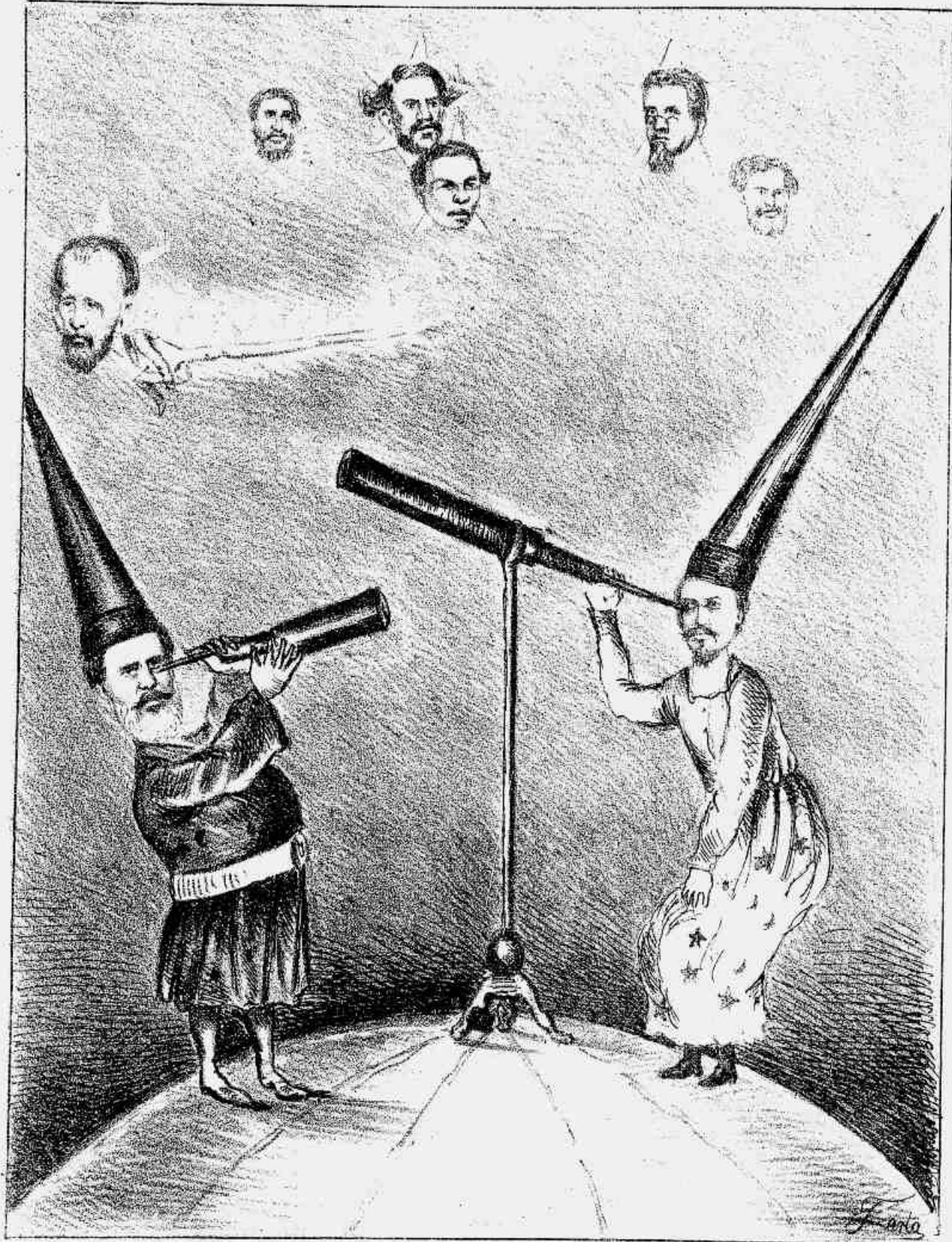
O sonho imitei, de quem não sabes ?
De Paulino Cabral,
Que é mais velho que eu, diz a gazeta.

Serei breve, te disse, e pois concluo
A primeira missiva, te enviando
Um abraço, um beijinho, um olhar brando.

E como junto de ti, d'ora em diante
Eu tenha de andar sem ser massante,
Tu, a corda serás, eu a cassamba.
Teu amigo e collega

TURIMBAMBA.

—
A charada do n. 25 exprime a palavra—*Ephygenia*.



Astronomia política.

Dous astrónomos, reconhecidos por sua ciencia e competidunio, sondão os astros. Do norte e do sul vengem e tra-las de brillo emprestado són astros apacos. O cometa que atravessa o céo annuncia grande astrovéde para o futuro. Os astrónomos estudan-lo e a lez e a marcha; querem adivinar a scencia pode trazer e o que trazer, ande + esp. - una ciencia.